Artigo original
https://doi.org/ 10.54260/eb.v38i145.948
ESTUDOS BÍBLICOS

A revelação do nome divino em Êxodo 3,14 e seu uso no Evangelho de João

The revelation of the divine name in Ex 3,14 and its use in the Gospel of John

Fernando César Chaves Reis* e Waldecir Gonzaga**

* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoria), Mestre em Ciência Bíblica (Pontifício Instituto Bíblico de Roma). Pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Faculdade Católica de Fortaleza, Fortaleza, Brasil e da Faculdade Católica de Belém, Belém, Brasil.
fernandoccreis@hotmail.com

** Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana). Pós-doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica. É diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
waldecir@hotmail.com

Recebido em: 11/03/2022
Aprovado em: 09/02/2023

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

A revelação do nome divino em Ex 3,14 indica que ele deve ser lido, interpretado e analisado a partir da revelação divina, da teologia e da tipologia presentes no nome YHWH, da importância do Nome no Antigo Oriente, da revelação do nome no Evangelho de João, da saída do Egito, dos temas da Páscoa, da Lei, da Aliança e da formação de um povo sacerdotal. Sem uma compreensão prévia e interpretação crítica a partir desses aspectos se compromete (ou pode se comprometer) o alcance e o significado do estudo de Ex 3,14 para a exegese e a hermenêutica cristã contemporânea bem como para a interpretação do Evangelho de João. O presente artigo desenvolve o argumento a partir do nome divino YHWH.

Palavras-chave: Hermenêutica. Revelação. Nome divino. Evangelho de João.

Abstract

The revelation of the divine name in Ex 3,14 indicates that it must be read, interpreted and analyzed starting from the divine revelation, the theology and typology present in the name YHWH, the importance of the Name in the Ancient East, the revelation of the name in the Gospel of John, the departure from Egypt, the themes of Easter, the Law, the Covenant and the formation of a priestly people. Without a prior understanding and critical interpretation of these aspects, the scope and meaning of the study of Ex 3,14 is compromised (or could be compromised) for contemporary Christian exegesis and hermeneutics, as well as for the interpretation of the Gospel of John. This article develops the argument from the divine name YHWH.

Keywords: Hermeneutics. Revelation. Divine name. Gospel of John.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo ler Ex 3,14 (aspecto teológico), "EU SOU", passando por sua implicação com 1Rs 18,20-40 (sacrifício de Elias sobre o monte Carmelo) e vendo as citações e alusões do texto vereterotestamentário no Evangelho de João (revelação de Jesus como "EU SOU": Jo 4,26; 6; 8; 10; e demais ocorrências no evangelho joanino), com ênfase no reconhecimento do *nome* de Deus (aspecto fundante): [TM] "*'ehyeh ʾašer 'ehyeh* / [LXX] ἐγώ εἰμι ὁ ὤν / EU SOU *aquele que é*." A revelação do nome de Deus é algo muito importante na experiência religiosa de Israel e povos circunvizinhos e em toda a teologia do AT. Vai ser igualmente para o NT, haja vista o fato das abundantes ocorrências da expressão no IV Evangelho, sobremaneira na boca de Cristo.

Deus se revela (Ex 3,14-15; 6,2-13), institui a festa da Páscoa (Ex 12; Lv 23; Nm 28; Dt 16), tira o povo do Egito (Ex 13–14), dá a esse povo uma Lei (Ex 19–24; 32–34; Dt 5; 9–10), faz com ele uma Aliança (Ex 19; 24; 32–34) e o quer povo santo e sacerdotal (Lv 11; 19; Dt 7; 10). Esta revelação se faz fundamental na vida de cada pessoa, a exemplo da experiência do profeta Elias, homem que teve profunda experiência de Deus e ajudou o povo no encontro com Deus e com o próximo, entendendo o valor da *teofania* do nome divino.

O Deus que desce e se revela no Egito, que liberta seu povo e lhe revela seu nome, é o mesmo Deus de Jesus Cristo, mais ainda, é Jesus mesmo, como o vemos pela ótica joanina, no IV Evangelho: "ἐγώ εἰμι / EU SOU" (Jo 4,26). O reconhecimento do Deus do AT como a revelação do Filho no NT é algo fundamental na experiência de cada um com Cristo, com o Pai, por meio do Filho. Por isso mesmo, é sumamente importante ter uma maior consciência do significado do nome divino, a partir do Tetragrama Sagrado (YHWH), no AT, e do Filho no NT.

Este artigo, portanto, apresenta um estudo progressivo para se compreender o significado do nome divino no AT e seu possível uso joanino no NT. Para tanto, realiza-se um estudo do desenvolvimento da tipologia do nome YHWH, sempre em discussão, inclusive nos tempos atuais; em seguida, faz um estudo sobre o nome YHWH, a raiz e significado histórico nas raízes semíticas; aborda a tipologia do nome divino na poesia antiga e suas várias formas; identifica as citações e alusões do termo "ἐγώ εἰμι/ EU SOU" no Evangelho de João, como possível uso a partir da versão grega da LXX; finaliza o estudo, a partir da proposta de se analisar Ex 3,14 enquanto revelação do nome do Deus da Aliança, que tirou seu povo do Egito, para que fosse um povo santo e sacerdotal, como sinal de seu amor para o mundo.

2 Desenvolvimento do argumento: a tipologia do nome YHWH

2.1 Hipótese documentária clássica

Por hipótese documentária clássica, em alemão, *Urkundenhypothese* (SKA, 2003, p. 123-126), entenda-se uma teoria originária, principalmente, na Alemanha, para o estudo do Pentateuco enquanto composição literária básica escrita em diversas fases e épocas distintas, a partir de quatro documentos essenciais, obra de redatores: o Javista, o Eloísta, o Sacerdotal e o Deuteronomista.

Enquanto composição literária apresenta diferenças de estilo e vocabulário (p. ex., nomes divinos diversos). Assim fala-se de um documento Javista (J), de um documento

Eloísta (Elohim), de um documento Deuteronomista (D) e de um documento Sacerdotal (P). Coloca-se, ao mesmo tempo, o problema da centralização do culto e da reforma deuteronômica de 622 a.C.: leis anteriores a 622 a.C. que não supõem a centralização do culto e leis posteriores a 622 a.C. que supõem a centralização do culto (p. ex., os escritos sacerdotais). Cada documento apresentando uma teologia própria (SKA, 2003, p. 123-126).

2.2 Os Documentos Javista, Eloísta, Sacerdotal e Deuteronomista

Por documento Javista (J), do alemão *Jahwist*, entenda-se aquele originário do reino do Sul (Judá), que surge sob o reinado de Davi (ou Salomão) e é escrito entre os séc. X e IX a.C. Utiliza o nome divino YHWH (*Tetragrama Sagrado*) e provém de Jerusalém.

Por documento Eloísta (E), entenda-se o documento do reino do Norte, escrito entre os séculos IX e VIII a.C., que utiliza o nome divino "*ʾelōhym* / *Deus*" (Ex 3,14: *Disse Deus a Moisés:* EU SOU aquele que sou / [*Septuagina*: LXX] "εἶπεν ὁ θεὸς πρὸς Μωυσῆν ἐγώ εἰμι ὁ ὤν / *Disse Deus a Moisés, eu sou aquele que é*"). Possui uma teologia mais avançada que o javista e sofre influência profética, como, p. ex., a atuação dos profetas Elias, Eliseu, Amós e Oséias no Reino do Norte.

Deuteronomista (D) é o documento da época da reforma do rei Josias (622 a.C.), escrito entre os séculos VII-VI a.C. (Os textos de Josué a 2Reis em estilo Deuteronômico). Apresenta uma teologia própria: embora Israel seja infiel à Aliança feita com o Senhor, o Senhor permanece fiel à Aliança feita com Israel. O termo foi proposto por M. Noth em 1943 (SKA, 2003, p. 123-126).

Sacerdotal (P), do alemão *Priestercodex*, é o documento exílico/pós-exílico. São considerados escritos sacerdotais o livro do Levítico, as leis e o assim chamado primeiro relato da criação, de Gn 1,1–2,4a.

Ao lado desses, pode-se falar de um documento Jeovista, a hipótese dos complementos, a hipótese dos fragmentos (ALETTI; GILBERT; SKA; VULPILLIÉRES, 2011, p. 64), o Tetrateuco, Pentateuco, Hexateuco e Eneateuco.

2.3 O documento Jeovista, a hipótese dos complementos e a hipótese dos fragmentos

Jeovista (JE), do alemão *Jehovist*, é uma redação intermédia entre o Javista e o Eloísta, uma espécie de compilação feita por um redator Javista e/ou Eloísta em Jerusalém durante o reino de Ezequias, provavelmente depois da queda de Samaria (721 a.C.). O termo foi proposto por K. D. Ilgen (1798) (SKA, 2003, p. 145-174).

A hipótese dos complementos (*Ergänzungshypothese*, suplementos), atribuída a H. Ewald (1830) (GUILLEMETTE; BRISEBOIS, 1990, p. 207), vê o Hexateuco formado por um documento base e completado por acréscimos posteriores e sucessivos.

A hipótese dos fragmentos (*Fragmentenhypothese*) estuda o Pentateuco a partir de fontes diversas, pequenas unidades narrativas e/ou textos múltiplos (separados entre si), compilados depois da morte de Moisés. Hipótese atribuída a A. Geddes (1737-1802), que tem por defensores J. K. Ch. Nachtigal (1790), F. C. Fulda (1790), J. S. Vater (1802-1805) e W. M. L. de Wette (1806-1807) (GUILLEMETTE; BRISEBOIS, 1990, p. 206). No estudo da hipótese documentária discutiu-se a existência de um Tetrateuco, Pentateuco, Hexateuco e Eneateuco (SKA, 2003, p. 17-24).

2.4 O Tetrateuco, Pentateuco, Hexateuco e Eneateuco

O Tetrateuco provém da obra de M. Noth (*Überlieferungsgeshchichte des Pentateuch* / *História das tradições do Pentateuco*) (SKA, 2003, p. 18-19). Separa literariamente os quatro primeiros livros (Gn, Ex, Lv, Nm) do Dt e vê o Dt como prefácio da obra deuteronomista (SKA, 2003, p. 18-19).

O Pentateuco, formado por Gn, Ex, Lv, Nm, Dt (os cinco quintos da Lei), tem Moisés como figura central. Do grego *pentateucos* (*biblos*), do latim *pentateuchus* (*liber*), cinco rolos (cilindros). No hebraico, os nomes dos cinco livros do Pentateuco iniciam com a palavra mais importante de cada livro: *b^{e}rē'shîth* (Gn 1,1), *sh^{e}môth* (Ex 1,1), *wayyiqra'* (Lv 1,1), *b^{e}midhbar* (Nm 1,1), *d^{e}bārîm* (Dt 1,1) (SKA, 2003, p. 23-24).

Hexateuco é a hipótese que inclue os livros das origens (Pentateuco, *Das Buch der Ursprünge*) e Josué (autores como: Bonfrère [1625], Spinoza [1670] e Geddes [1792]); o termo provém da obra de H. Ewald (*Geschichte Israels*) (SKA, 2003, p. 17-18).

O Eneateuco constitui uma grande unidade literária de Gênesis a 2Reis, com temas que vão desde a criação do mundo até o exílio na Babilônia: o dom da terra (tema principal), juntamente com o tema dos Patriarcas, de Israel no deserto, do reinado de Davi e Salomão, da divisão do reinado, da perda da terra e do exílio na Babilônia (SKA, 2003, p. 19-23). A tipologia do nome YHWH surge no contexto do estudo do documento Javista.

3 O Nome YHWH, a raiz *hāyāh* e seu significado histórico nas raízes semíticas

O nome YHWH provém da raiz *hāyāh* (a forma "amorrea") (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 635). Quanto à sua origem, discute-se se provinda de uma forma verbal "básica" ou "causativa" (*hiphil*). O amorreo admite as duas formas (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 635). No hebraico YHWH, provavelmente, provém da forma "causativa" (*hiphil*). Como formas causativas de outros verbos hebraicos, com o mesmo sentido de "ser", admitem nomes compostos, pode-se inferir uma forma causativa no nome hebraico YHWH.

O mesmo acontece nos verbos semitas em acádico, ugarítico, aramaico, fenício e púnico (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 621-635). A maior parte desses verbos com o significado de "ser" são derivados da raiz *kwn*, embora *kwn* não apresente, necessariamente, sempre o mesmo significado genérico e próprio de "ser": *kāwu* em acádico, p. ex., significa "estar bem, são, sadio" (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 635).

Em ugarítico a raiz *kwn* aparece associada a *El* (nome próprio de divindade) e/ou a nomes próprios (derivantes de verbos base ou causativos). Em aramaico a raiz é decididamente rara e não aparece em nomes próprios. Em fenício e/ou púnico aparece somente na forma verbal "base" (embora nos nomes próprios possa aparecer também a forma "causativa"). No hebraico os nomes próprios derivam principalmente da forma "causativa" (*hiphil*) e do *po'lel*, embora a raiz *hwy* não forme nomes próprios (p. ex.: *y^{e}hôyākîn* e *y^{e}kōnyâ* no *hiphil*). O acádico *bašû*, "ser, achar-se" aparece em nomes próprios, principalmente na forma "causativa" *š* (*Sin-aḫa-šubšī*, "Sin faz que seja um irmão"). Na formação dos nomes próprios, as raízes semíticas hebraicas e acádicas apresentam tanto a forma "básica" como a "causativa" (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 636).

4 Os trabalhos mais recentes sobre a tipologia do nome divino YHWH na poesia antiga: as formas YHWH *šālôm*, YHWH *ṣᵉbā'ôt*, YHWH *qannā'* e YHWH *nissî*

Os trabalhos mais recentes sobre a tipologia do nome divino YHWH na poesia antiga se reportam a três períodos históricos precisos: o XII século a.C., o XI século a.C. e a primeira idade monárquica (do X ao IX século a.C.). O período do XII século a.C. é a época do javismo mosaico belicoso onde predomina o nome YHWH (p. ex., Ex 15; Sl 29; Jz 5). O XI século a.C. apresenta uma fusão entre o nome YHWH meridional e *El*, na poesia com o uso de *El* e a revitalização do nome *El* na época dos patriarcas, como p. ex., *El Shaddai*, *El Elyon*, *El Olam* (Gn 49; Nm 23–24; Dt 33). Na primeira idade monárquica (do X ao IX século a.C.) surgem tendências sincretistas (1Sm 2; 2Sm 1; Sl 18; 2Sm 23; Dt 32; Sl 78; 68; 72).

Em todos esses períodos normalmente prevalece o nome divino YHWH (única exceção a Gn 49 atribuído a um personagem pré-mosaico, de origem não *yahwista*; porém 49,18: "De ti espero a salvação ó Senhor YHWH"). Em sua forma poética, YHWH aparece gramaticalmente e sintaticamente como nome próprio, não existindo traços da forma ou da sua função verbal. Em textos tardios se reconhecem no nome próprio traços verbais, provavelmente reminiscências de um uso arcaico. Dessas reminiscências se originam as formas YHWH *šālôm*, em Jz 6,27; YHWH *ṣᵉbā'ôt*, em 1Sm 4,4; YHWH *qannā'*, em Ex 34,14; e YHWH *nissî*, em Ex 17,15 (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 636).

4.1 O nome de Deus em Ex 3,12.14

O nome de Deus em Ex 3,12.14 aparece na forma hebraica *'ehyeh* (*Texto Massorético*: TM). O que se discute é se essa forma é uma variante fonológica e/ou morfológica de YHWH ou uma forma verbal da primeira pessoa do singular. Provavelmente a primeira hipótese prevalece aceitando-se *'ehyeh ʾᵃšr 'ehyeh* como uma construção *idem per idem*, utilizada quando não se quer uma clareza semântica textual. Tal construção aparece em Ex 3,2.3, onde o verbo *bā'ar* é empregado com dois significados diversos, "arder" e/ou "ser consumido pelo fogo". A mesma construção aparece em Ex 33,19: YHWH, Deus de graça e misericórdia, com ênfase na ação concreta de YHWH ("o agir" de Deus) (FREEDMAN; O'CONNOR, 2003, p. 638).

4.2 A revelação do nome de Deus no Antigo Testamento e o texto de Ex 3,14-15

O texto de Ex 3,14-15 nos apresenta Deus que se revela na história de Israel como YHWH. Revela-se com um nome e esse nome é YHWH (Ex 3,14-15; v.15: "O Senhor o Deus dos pais, Deus de Abraão, Deus de Issac e Deus de Jacó"). Ex 3,14-15 fundamenta toda a teologia do nome de Deus no AT e no livro do Êxodo, uma vez que "Deus" *ʾᵉlōhym* é um nome que aparece comumente nos escritos veterotestamentários. Nesse contexto, o nome de Deus é o próprio Deus e esse nome é YHWH. De fato, no AT, e igualmente no Antigo Oriente, o "nome" representa uma pessoa concreta, não somente um "conceito", genericamente falando. O nome de Deus é o próprio Deus que age na história concreta de um povo, o seu povo. Esse Deus é YHWH (Ex 3,14-15).

4.3 A revelação do nome de Deus no Antigo Testamento

No AT a revelação do nome de Deus deve ser compreendida a partir da teologia do nome de Deus e do nome divino YHWH em uma expressão como *b^{e}šēm* YHWH "em nome do Senhor" e o *nome* por excelência; do *nome* no Antigo Oriente, da expressão *qārā' b^{e}šēm* YHWH "invocar em nome do Senhor", do *nome* na expressão "invocar em nome do Senhor", do ponto central e fundante dessa análise, da expressão "EU SOU aquele que sou" em Ex 3,14, da revelação do nome de Deus no Evangelho de João e a expressão "EU SOU".

4.4 A teologia do nome de Deus no Antigo Testamento e o nome divino YHWH na expressão "em nome do Senhor"

A teologia do nome de Deus no AT e o nome divino YHWH estão presentes no sintagma "em nome do Senhor". De fato, por bem duas vezes, em 1Rs 18,24.32, o termo "nome de" + preposição *b^{e}* vem associado ao Senhor em uma expressão do tipo "em nome do Senhor". A primeira vez na "boca" do profeta Elias, quando afirma que os profetas de Baal devem "gritar" no *nome* do seu deus, enquanto Elias deve invocar o *nome* do Senhor (v. 24); a segunda vez na expressão "altar no nome do Senhor", pela "boca" do narrador, quando Elias reconstrói com doze pedras o altar no *nome* do Senhor (v.32), no sentido de "altar no *nome* do Senhor". Em todo o ciclo de Elias o termo "nome de" precedido da preposição *b^{e}* e a expressão "altar em nome de" vêm associadas somente ao Senhor YHWH, e aparecem somente no primeiro livro dos Reis (1Rs 18,24.32). A preposição + o vocábulo "em nome de" são usados em relação a Baal em 1Rs 18,26 em um contexto puramente irônico. Unicamente ao *nome* divino YHWH, o *nome* por excelência, vem associado o termo "nome de" (FABRY, 2009, p. 462.467; REITERER, 2009, p. 454-517; KOEHLER; BAUMGARTNER, 1998, p. 984)[1].

4.5 A expressão "em nome do Senhor" e o *nome* por excelência

A expressão "em nome do Senhor" significa frequentemente no TM o *nome* por excelência, o Senhor e o em um contexto de poder, de notoriedade e de fama, como em Is 56,5; 59,19; Sal 5,12; 9,11; 91,14. O termo "nome" aparece sempre carregado com os elementos relativos à pessoa, que neste caso é YHWH, denotando um sentido de poder, e "usado quase que exclusivamente em contextos teológicos" (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1998, p. 984; FABRY, 2009, p. 462). No contexto literário de 1Rs 18,24 o *Nome* está em contraste com um outro deus, um deus que não existe, que nada representa (*Baal*),

[1] Sobre esta temática, sugerimos ainda a leitura das obras: EICHRODT, 1975, p. 54.102.158-159.163-165.189-190.202.248.253.316.373; JACOB, 1969, p. 51-58); "Yahweh" (HEINISCH, 1955, p. 39-41); "nome de Javé" (GUNNEWEG, 2005, p. 52.117.121.125.158.261.276.315.332); "nomes" (GUNNEWEG, 2005, 69.71.73.75.87.90.94.97-98.113-115.117.124.181.227.268-269.279.298.331)"; "os nomes divinos" (IMSCHOOT, 1954, p. 53-54); Sal 83,19; "*revelação do nome de Yahve*" (VON RAD, 1962, p. 159-165); CHILDS, 1993, p. 351; "Yahweh Deus" (CLIFFORD; MURPHY, 1990, p. 64.90; REITERER, 2009, p. 454-517; CLIFFORD, 1990, p. 132-135.

na expressão "invocar em nome de": "invocar no nome do Senhor" → "invocar no nome do vosso deus".

4.6 O *nome* no Antigo Oriente

No Antigo Oriente, o *nome* define a essência de uma coisa e revela a existência, a identidade e a característica de uma pessoa (CHILDS, 1989, p. 53-54; p. 1487). Quando se chama alguém por *nome* se conhece a pessoa a quem se chama (DE VAUX, 1992, p. 80). Quando se invoca o *nome* do Senhor, significa que se pertence ao Senhor e que se depende totalmente Dele (MARANGON, 1988, p. 406). O termo "nome", portanto, se relaciona propriamente "à essência e às propriedades de Deus" (FABRY, 2009, p. 516.517-519; DE VAUX, 1992, p. 80-82; LURKER, 1994, p. 151). O Deus do AT tem um *nome*, que Ele mesmo revelou a Moisés (Ex 3,14) e a Elias. O *nome* não é somente um som (VON RAD, 1962, p. 159-162; SKA, 1990, p. 20-23). Entre o *nome* e aquele que vem chamado com seu *nome* existe, essencialmente, uma íntima relação (RAVASI, 1988, p. 514; CHILDS, 1993, p. 354). O titular do *nome* existe no *nome* e o *nome* fornece informações precisas sobre a força, o poder e a potência do titular do *nome* (VON RAD, 1962, p. 161). Se se ignora o *nome* divino, não existe culto, não existe comunicação com o divino, não existe nada. O *nome* do Senhor "oferece a garantia da proximidade de YHWH" (VON RAD, 1962, p. 162).

4.7 A expressão "invocar no nome do Senhor"

A expressão "invocar no nome do Senhor" é "uma locução técnico-cultual que significa invocar o Senhor fazendo uso do seu nome" (VON RAD, 1962, p. 162). Assim em Gn 12,8 "construir um altar ao Senhor e invocar o nome do Senhor", em Gn 13,4, "invocar o nome do Senhor", e em Gn 21,33, "invocar o nome do Senhor", em relação a Abraão. Assim em 1Rs 18,24 "invocar o nome do Senhor" em relação a Elias e em Ex 34,5 "invocar o nome do Senhor" em relação à Moisés. Em Ex 33,19, é o Senhor quem pronuncia o seu nome "invocarei o nome do Senhor". Dohmen nota que existe uma estreita relação entre a expressão "invocar o nome do Senhor" e o culto divino, como se vê em Gn 12,8: "a adoração de Deus" (2004, p. 1078); igualmente em 1Rs 18,24.30.32 e em Ex 34,5, em que Moisés invoca o Senhor no contexto da renovação da Aliança. Ou seja, entre aquilo que Abraão faz em Gn 12,8, "construir um altar ao Senhor e invocar o seu nome", e aquilo que faz Elias em 1Rs 18,32, "construir um altar no nome do Senhor", e aquilo que faz Moisés em Ex 24,4, "construir um altar".

4.8 O *Nome* na expressão "invocar o nome do Senhor"

Quando Elias, em 1Rs 18,24, invoca o *nome* do Senhor, na expressão "Eu invocarei o nome do Senhor", e Moisés, em Ex 34,5, invoca o nome do Senhor, na expressão "invocou o nome do Senhor", isso significa que o Senhor tem um *nome* e significa, também, que Elias e Moisés invocam o *nome* do Senhor como YHWH. Mais ainda, quer dizer que Elias e Moisés pertencem ao Senhor e dependem totalmente Daquele que eles invocam. Invocar "o nome do Senhor" significa invocar YHWH. Invocar "o nome de" significa invocar YHWH → apenas "o nome" = YHWH (FABRY, 2009, p. 490; CHILDS, 1993, p. 54), a exempo de Elias que invoca o Senhor YHWH (ROSE, 1992, 1002).

O *nome* do Senhor e o *Nome* significam propriamente o Senhor. Indica que o *nome* YHWH tem uma essência e uma existência. Que a essência do *nome* do Senhor e do próprio Senhor, no contexto de 1Rs 18,20-40 e de Ex 34,5, é aquela de ser o Deus verdadeiro (1Rs 18,39), o "Deus dos Pais", no "duplo nome": de Jacó/Israel (HORSLEY, 1992, p. 1011), o "Deus de Israel" (v.36) (DEVRIES, 1985, p. 218), que tirou Israel do Egito (Ex 3,14). Significa que o Senhor, Aquele que Elias invoca, existe e porque existe tem o poder de enviar o fogo (1Rs 18,24) e de libertar Israel do Egito (Ex 3,14), como verdadeiramente ocorreu (1Rs 18,38; Ex 3,14ss). O Senhor, o Deus de Elias, tem o poder e porque tem o poder, manda seu fogo (1Rs 18,36). Como Elias reconstruiu o altar no nome do Senhor, assim o povo deve ajudar Elias a reconstruir todos os altares demolidos do Senhor. O povo deve se aproximar do Senhor e reconstruir os altares destruídos (1Rs 18,32).

O Deus do AT age e comunica, (LXX: "ἐγώ εἰμι ὁ ὤν/ EU SOU *aquele que é*"), age e si comunica como "aquele que é e em favor de Israel" (VON RAD, 1962, p. 160), como o faz na vida de Elias, de Moisés e do seu povo. Indica que Elias e Moisés conhecem: a identidade do Deus que invocam; o *nome* "Senhor" e o seu significado: de ser o verdadeiro Deus, o Deus dos pais (1Rs 18,24.36); Aquele que eles devem invocar. Elias e Moisés invocam, portanto, Aquele que conhecem (1Rs 18,36-37) e conhecem Aquele que invocam: o Senhor, Ele, o Deus (1Rs 18,39; Ex 34,5). Invocar "o nome do Senhor" significa invocar o Senhor. "O nome do Senhor" significa verdadeiramente o Senhor. "O nome do Senhor" → YHWH = o Senhor Deus de Elias e de Moisés, que é e que existe.

Quando Elias, em 1Rs 18,32, reconstrói o altar em *nome* do Senhor, e Moisés constrói o altar ao pé da montanha com doze pedras em Ex 24,4, o altar que tinha sido demolido (1Rs 18,30), isto significa que Elias reconstrói o altar do Senhor (como Moisés constrói o altar do Senhor): reconstruir o altar *em nome do Senhor* significa reconstruir o altar *do Senhor*. E como Elias reconstruiu o altar no nome do Senhor, assim o povo deve ajudar Elias a reconstruir todos os altares demolidos do Senhor. O povo deve se aproximar do Senhor e reconstruir os altares destruídos (1Rs 18,32).1Rs 18,32): o "altar em nome do Senhor", do v.32, é o "altar do Senhor", do v.30.

"altar em nome do Senhor" (v.32)	→	"altar do Senhor" (v.30)
"nome do Senhor" (v.32)	→	o "Senhor" (v.30)

Em toda a narração, por quatro vezes, o vocábulo "altar" vem associado somente ao Senhor e à preparação do sacrifício de Elias. Isso significa a importância que o termo "altar" representa na preparação e no sacrifício de Elias, e que o altar reconstruído é realmente o altar do Senhor: assim no v.30 "o altar do Senhor", assim no v.32 "altar no nome do Senhor", "em torno do altar" (duas vezes), assim no v.35, "em torno do altar". O mesmo vocábulo aparece apenas uma vez no sacrifício dos profetas de Baal, na expressão "sobre o altar" (v.26), e nunca vem associado à Baal o ao *nome* de Baal. Certamente os profetas "saltam" sobre o altar dedicado a Baal, mas o termo "altar" nunca vem associado a Baal ou ao nome de Baal. Em 1Rs 18,26 os profetas "saltam" sobre o altar que foi feito e não sobre o altar que foi feito no *nome* de Baal. Isso se dá porque Baal não é deus, não é uma pessoa, não existe. Elias reconstrói um altar no *nome* do Senhor, como Moisés havia construído um altar ao pé da montanha (Ex 24,4). Tanto Elias como Moisés invocam o nome do Senhor (1Rs 18,24; Ex 34,5; 33,18-23), o Deus dos Pais (1Rs 18,36; Ex 3,15).

5 O ponto central e fundante dessa análise

O ponto central e fundante dessa análise em relação à teologia, tipologia do *nome* de Deus no AT, e o *nome* divino YHWH em uma expressão do tipo "no nome do Senhor", é que o Deus que se revela a Moisés e a Elias como Deus dos Pais, revela-se com um nome, o seu nome, YHWH. Em Ex 3,7-17, especialmente no v.14, quando Deus faz a promessa a Moisés de tirar o povo do Egito, promessa que já presente em Gn 12,1-3; 26,23-24; 46,2-4, esse Deus é igualmente YHWH.

5.1 A expressão *'ehyeh 'ašer 'ehyeh* em Ex 3,14

Em Ex 3, Deus se revela por meio da expressão *'ehyh 'ašer 'ehyeh*, traduzida na LXX por ἐγώ εἰμι ὁ ὤν, podendo ser traduzida por "sou aquele que é / que sou / que estou sendo", que indica a "essência" divina propriamente dita. Considerando *'hyh* como verbo hiphil na primeira pessoa do singular do imperfeito (no TM), temos o significado de "sou aquele que farei (causarei) algo por ti", ou seja, "te tirarei do Egito". Interessante obervar que a *Tradução Ecumênica da Bíblia* (TEB, 2020), traduz com o sentido de futuro, imperfeito: "EU SOU Aquele que serei" (Ex 3,14), respondendo à pergunta feita em 3,13 e reforçando seu *nome* em 3,15: "YHWH é meu nome para sempre". YHWH da mesma raiz de *'ehyeh* (verbo "ser" no *hiphil*): "EU SOU Aquele que serei, isto é, que farei algo por ti" (isto é, "te tirarei do Egito").

O Senhor é aquele que tira Israel do Egito. Antes de tirar, porém, se revela com seu nome (o Deus dos Pais). A expressão hebraica *'ehyeh 'ašer 'ehyeh*, no TM, portanto, não fala de essência, como pretende a LXX, mas de existência e do nome do Deus de Israel, aquele que existe e que vai fazer algo concreto por Israel, tirá-lo do Egito, como de fato o fez: Ex 13,17–14,31.

5.2 O nome YHWH (Ex 3,14)

O nome YHWH, enquanto revelação do nome de Deus, dá-se na época de Moisés (Ex 3,14s; 6,2s). Segundo Ex 3,14s: "e disse Deus a Moisés", *'ehyeh 'ašer 'ehyeh*, e, em seguida, acrescenta: "assim dirás aos filhos de Israel, *'ehyeh* enviou-me para vós"; ainda, "e disse ainda Deus a Moisés: 'Assim dirás aos filhos de Israel, o Senhor o Deus dos vossos Pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó enviou-me para vós, este é meu nome para sempre e esta a minha memória (memorial) de geração em geração'"; em Ex 6,2s: "e falou Deus a Moisés e disse a ele: 'EU SOU o Senhor'", ainda, "e apareci [fui visto] a Abraão, a Isaac e a Jacó como *El Shaday* e meu nome é Senhor, não me fiz conhecer a eles".

Ex 3,14s	Ex 6,2
*E Deus disse a Moisés: "***EU SOU** *AQUELE QUE SEREI".*	*E Deus falou a Moisés e lhe disse: "***EU SOU YHWH***".*

Tabela e tradução dos autores.

Na tradição *Javista-Eloísta* a unidade narrativa de Ex 3 comunica a novidade da revelação do Senhor à Moisés (DURHAM, 1987, p. 27-41), realçando "a proclamação do seu nome divino" (VON RAD, 1962, p. 159-165), ligando essa revelação ao Deus

dos Pais (Ex 6,2s; tradição sacerdotal). Existe continuidade na revelação: o Senhor que se revela a Moisés é o mesmo Deus dos Pais (3,6.13: "EU SOU o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó; "O Deus de vossos pais me enviou a vós"). O nome do Senhor em Ex 3,14 (TM) não é "essência", "afirmação filosófica", "qualidade absoluta de Deus" ou "fórmula do gênero" (VON RAD, 1962, p. 159-165), mas algo concreto, Deus que age na história do seu povo, libertando-o do Egito, como se percebe na diferença entre o TM e a versão grega da LXX (ἐγώ εἰμι ὁ ὤν, "sou aquele que é / que sou / que estou sendo").

TM	LXX
EU SOU *Aquele que farei algo por ti.*	**EU SOU** *Aquele que é, que sou, que estou sendo.*

Tabela e tradução dos autores.

O TM não se preocupa em definir a "essência" de Deus. O nome do Senhor é uma Sua comunicação à Israel, o seu propósito, algo que Ele quer fazer com o seu povo, tirar do Egito, como que a dizer: "sou aquele que farei (causarei) algo por ti". É uma presença ativa e concreta do Senhor na história do seu povo. O Senhor se revela a Moisés em uma frase relativa, *'ehyeh ʾašer 'ehyeh,* significando "inderteminação e mistério", incompletude, uma expressão "em suspenso" (VON RAD, 1962, p. 159-165), apontando o futuro. É uma promessa feita por Deus a seu povo (projeto e promessa): promessa de libertá-lo do Egito, que ainda não se realizou, mas que se fará prossimamente (*hiphil*, incompleto, futuro), que se realizou. O texto que fala da essência é a LXX na expressão "ἐγώ εἰμι ὁ ὤν / EU SOU *Aquele que é*".

Esse Deus, agindo concretamente na história do seu povo no AT, libertando-o do Egito, é Jesus, que se revela como EU SOU no evangelho de João. No quarto Evangelho, Jesus unifica em si mesmo o agir concreto do Deus do AT na história do seu povo (*'ehyeh ʾašer 'ehyeh*, "aquele que farei algo por ti", TM) e sua essência (ἐγώ εἰμι ὁ ὤν, LXX). Ele é o EU SOU presente em Jo 4,26; 6,20.35; 8,12.24.28; 10,7.9.11; 11,25; 14,6; 15,1.5; 18,6 (BORING, 2016, p. 1188.1218-1840). No Evangelho de João Jesus age concretamente na história do seu povo como EU SOU (ZUMSTEIN, 2015, p. 439), realização e essência.

6 A Revelação do nome de Deus no Evangelho de João e a expressão EU SOU

No Evangelho de João (MATEOS-BARRETO, 1989, p. 220.298.307-308.367-369.381.439-441.477.571.600-601.623-627.711-712), o próprio Jesus faz referência ao texto de Ex 3,14, afirmando ser Ele o Deus vivo, o mesmo Deus presente em Ex 3,14, *'ehyeh 'ašer 'ehyeh*, na LXX: ἐγώ εἰμι ὁ ὤν / EU SOU *Aquele que é*, aquele que tirou Israel do Egito, como se lê em Jo 8,24: ἐγώ εἰμι / EU SOU. Jesus fala do nome desse Deus, identifica-se com esse *nome* e com esse Deus. Ele é o Deus do AT¸ o mesmo Deus, o próprio Deus. Jesus se revela como o Deus do Êxodo, o Deus que desceu ao Egito e de lá fez sair seu povo. O Deus que se revela na expressão *'ehyeh ʾašer 'ehyeh* (Ex 3,14 = seu *nome* YHWH). Essa revelação ocorre no testemunho que Jesus dá sobre si mesmo em vários momentos: no diálogo com a Samaritana revelando ser o Messias (4,26), caminhando sobre o mar (6,20), na identificação com o *Filho do Homem* (8,28), no lava-pés (13,19), na paixão (18,5.6.7), enquanto pão da vida, pão descido do céu, pão vivo descido

do céu (6,35), luz do mundo (8,12), porta das ovelhas (10,7.9), bom pastor (10,11), ressurreição e vida (11,25), caminho, verdade e vida (14,6), videira verdadeira (15,1.5).

6.1 No testemunho que Jesus dá sobre si mesmo

Em Jo 8,24, no testemunho que Jesus dá sobre si mesmo, o mesmo afirma: "ἐὰν γὰρ μὴ πιστεύσητε ὅτι ἐγώ εἰμι, ἀποθανεῖσθε ἐν ταῖς ἁμαρτίαις ὑμῶν / *porém*, *se não crerdes que* EU SOU*, morrereis nos vossos pecados*" (Jo 8,24); ainda, "πολλοὶ ἐλεύσονται ἐπὶ τῷ ὀνόματί μου λέγοντες ὅτι ἐγώ εἰμι, καὶ πολλοὺς πλανήσουσιν */ muitos virão em meu nome e dirão: sou eu, e a muitos enganarão"* (Mc 13,6) (BROWN, 2012, p. 476; PERKINS, 2018, p. 777; ZERWICK; GROSVENOR, 1993, p. 312; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 130-131); também: "Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, πρὶν Ἀβραὰμ γενέσθαι ἐγὼ εἰμί / *em verdade, em verdade vos digo, antes que Abraão fosse,* EU SOU*"* (Jo 8,58). O testemunho: "ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς, κἂν ἐγὼ μαρτυρῶ περὶ ἐμαυτοῦ, ἀληθής ἐστιν ἡ μαρτυρία μου, ὅτι οἶδα πόθεν ἦλθον καὶ ποῦ ὑπάγω· ὑμεῖς δὲ οὐκ οἴδατε πόθεν ἔρχομαι ἢ ποῦ ὑπάγω / *Jesus respondeu e disse-lhes: 'ainda que eu testemunhe sobre mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde venho e para onde vou. Vós, porém, não sabeis de onde venho nem para onde vou"*" (Jo 8,14; vv.13.17-18). Jesus está ensinando no tesouro do Templo: "ταῦτα τὰ ῥήματα ἐλάλησεν ἐν τῷ γαζοφυλακίῳ διδάσκων ἐν τῷ ἱερῷ / *essas palavras disse no tesouro, ensinando no templo"* (Jo 8,20). Jesus testemunha quem ELE É (EU SOU).

6.2 No diálogo com a Samaritana

Jesus afirma: "ἐγώ εἰμι, ὁ λαλῶν σοι / EU SOU *(Sou eu), o que fala contigo*" (Jo 4,26); ele é o Messias e ela sabe que o Messias viria, só ainda não percebeu estar diante dele: "οἶδα ὅτι Μεσσίας ἔρχεται ὁ λεγόμενος Χριστός· ὅταν ἔλθῃ ἐκεῖνος, ἀναγγελεῖ ἡμῖν ἅπαντα / *sei que vem um Messias, chamado Cristo. Quando ele vier nos anunciará tudo*" (Jo 4,25). A Samaritana é a primeira pessoa que escuta de Jesus essa afirmação (KONINGS, 2005, p. 40; PERKINS, 2018, p. 760; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 62). O encontro com a Samaritana, dá-se depois do ministério de Jesus na Judéia: "μετὰ ταῦτα ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὴν Ἰουδαίαν γῆν καὶ ἐκεῖ διέτριβεν μετ᾽ αὐτῶν καὶ ἐβάπτιζεν / *depois disso Jesus veio com seus discípulos para o território da Judéia e permaneceu ali com eles e batizava*" (Jo 3,22-36 [v.22]), e depois do discurso de João Batista: "ἀπεκρίθη Ἰωάννης καὶ εἶπεν, οὐ δύναται ἄνθρωπος λαμβάνειν οὐδὲ ἓν ἐὰν μὴ ᾖ δεδομένον αὐτῷ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ / *respondeu João: 'um homem nada pode receber senão o que lhe tenha sido dado do céu*'" (Jo 3,27-36 [v.27]). Em Jo 4,26 Jesus testemunha à mulher samaritana, ser o Messias (cf. vv. 25-26, EU SOU).

6.3 No caminho sobre o mar

Em Jo 6,20, lê-se: "*O δὲ λέγει αὐτοῖς, ἐγώ εἰμι, μὴ φοβεῖσθε / e lhes disse, 'Sou eu, não temais*'", com o uso do imperativo φοβεῖσθε (Jo 6,20; 6,1-15.22-65) (BROWN, 2012, p. 470-471; PERKINS, 2018, p. 768; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 89-90). Depois do episódio da multiplicação dos pães, na Montanha, Jesus passa para a outra margem do mar da Galiléia ou de Tiberíades: "Μετὰ ταῦτα ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος. [...] ἀνῆλθεν δὲ εἰς τὸ ὄρος Ἰησοῦς καὶ ἐκεῖ ἐκάθητο μετὰ τῶν

μαθητῶν αὐτοῦ / *depois disso Jesus passou para a outra margem do mar da Galiléia ou de Tiberíades.* [...] *Subiu, então, à montanha e ali sentou com seus discípulos*" (Jo 6,1-15; vv.1.3; quiseram fazê-lo rei: [v.15]); indica que estava próximo da Páscoa: "ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα, ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων / *estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus*" (Jo 6,4) e antes do discurso em Carfarnaum sobre o pão da vida, o pão descido do céu: o pão do céu, o verdadeiro pão do céu, o pão de Deus que dá vida ao mundo, é neste momento que Jesus indica: "εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, οὐ Μωϋσῆς δέδωκεν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἀλλ᾽ ὁ πατήρ μου δίδωσιν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ τὸν ἀληθινόν· ὁ γὰρ ἄρτος τοῦ θεοῦ ἐστιν ὁ καταβαίνων ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καὶ ζωὴν διδοὺς τῷ κόσμῳ / *disse-lhes, pois, Jesus: 'em verdade, em verdade eu vos digo, não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas o meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo'*" (Jo 6,22-66; vv.32-33). Em Jo 6,20 Jesus diz aos discípulos que não temam porque É ELE (ELE É, EU SOU).

6.4 Na afirmação sobre o *Filho do Homem*

A expressão "o *Filho do Homem*" aparece de forma explícita nos Evangelhos. Em Jo 8,28: "Ὅταν ὑψώσητε τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, τότε γνώσεσθε ὅτι ἐγώ εἰμι / *Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que* EU SOU", com um "Ὅταν / *quando*" temporal, seguido de subjuntivo, no contexto da morte de Jesus: "Ὅταν ὑψώσητε τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου / *Quando tiverdes elevado o Filho do Homem*" (Jo 8,28). Esta é uma expressão que aparecer várias vezs no NT: em Jo 12,23: "ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου / *o flho do homem*"; em Jo 13,31: "ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου / *o flho do homem*"; em Mt 26,64: "τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου / *o Filho do Homem*"; em Mc 14,62: "τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου / *o flho do homem*"; em Lc 22,69: ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου / *o flho do homem*"). No discurso sobre o testemunho que Jesus dá sobre si mesmo, em Jo 8,13-30, no v.13 lê-se: "εἶπον οὖν αὐτῷ οἱ Φαρισαῖοι, Σὺ περὶ σεαυτοῦ μαρτυρεῖς· ἡ μαρτυρία σου οὐκ ἔστιν ἀληθής / *disseram-lhe, pois, os fariseus: 'Tu testemunhas sobre ti mesmo: o teu testemunho não é verdadeiro*'", depois da réplica dos fariseus (Jo 8,13: "εἶπον οὖν αὐτῷ οἱ Φαρισαῖοι / *disseram-lhe os fariseus"*), Jesus, quando os encontra novamente, repete a expressão, ao fazer a pergunta: "σὺ πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου; / Tu crês n*o flho do homem?*" (Jo 9,35). Em Jo 8,28 Jesus testemunha SER ELE (EU SOU) O *Filho do Homem*.

6.5 No lava-pés

Em Jo 13,19, lê-se: "Ἀπ᾽ ἄρτι λέγω ὑμῖν πρὸ τοῦ γενέσθαι, ἵνα πιστεύσητε ὅταν γένηται ὅτι ἐγώ εἰμι / *digo-vos isso agora antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, creiais que* EU SOU", com o uso da expressão ἀπ᾽ἄρτι, podendo indicar "agora" ou "de agora em diante" (BROWN, 2012, p. 480-481; PERKINS, 2018, p. 793; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 236-237); depois do discurso sobre sua glorificação e morte, o autor afirma que: "ὁ δὲ Ἰησοῦς ἀποκρίνεται αὐτοῖς λέγων, Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου / *Jesus lhes responde: 'é chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem*'" (Jo 12,20-50; v.23); igualmente antes do anúncio sobre a traição de Judas (Jo 13,21-30): "ταῦτα εἰπὼν [ὁ] Ἰησοῦς ἐταράχθη τῷ πνεύματι καὶ ἐμαρτύρησεν καὶ εἶπεν, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἷς ἐξ ὑμῶν παραδώσει με / *tendo dito isso, Jesus perturbou-se interiormente (no espírito) e disse: 'em verdade, em verdade eu vos digo que um de vós me entregará*'" (v.21), e de sua despedida (Jo 13,31-35): "τεκνία, ἔτι μικρὸν μεθ᾽ ὑμῶν

εἰμι· ζητήσετέ με, καὶ καθὼς εἶπον τοῖς Ἰουδαίοις ὅτι Ὅπου ἐγὼ ὑπάγω ὑμεῖς οὐ δύνασθε ἐλθεῖν, καὶ ὑμῖν λέγω ἄρτι / *filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco. Vós me procurarei, e assim como eu disse aos judeus, agora também eu vos digo, que para onde eu vou vós não podeis vir*" (v.33). Em Jo 13,19 Jesus diz aos discípulos o que irá acontecer (*a fim de que, quando acontecer, creiais que* EU SOU).

6.6 Na paixão

Em Jo 18,6 lê-se: "ὡς οὖν εἶπεν αὐτοῖς, ἐγώ εἰμι, ἀπῆλθον εἰς τὰ ὀπίσω καὶ ἔπεσαν χαμαί / *quando lhes disse: 'sou eu (*EU SOU*), recuaram e caíram por terra'"* (Jo 18,6); na oração sacerdotal de Jesus (Jo 17,1-26): "ταῦτα ἐλάλησεν Ἰησοῦς καὶ ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τὸν οὐρανὸν εἶπεν, Πάτερ, ἐλήλυθεν ἡ ὥρα· δόξασόν σου τὸν υἱόν, ἵνα ὁ υἱὸς δοξάσῃ σέ / *assim falou Jesus e erguendo os olhos ao céu disse: 'Pai, é chegada a hora, glorifica o teu Filho, a fim de que o teu Filho Te glorifique*'" (v.1); no contexto da sua prisão: "ταῦτα εἰπὼν Ἰησοῦς ἐξῆλθεν σὺν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ πέραν τοῦ χειμάρρου τοῦ Κεδρὼν ὅπου ἦν κῆπος, εἰς ὃν εἰσῆλθεν αὐτὸς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, *tendo dito isso, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente de Cedron, onde tinha um jardim e Jesus entrou com seus discípulos*" (18,1), antes da morte e ressurreição (Jo 18–21). Em Jo 18,6 Jesus diz à coorte e aos guardas dos sumos sacerdotes ser Jesus de Nazaré que eles procuram (SOU EU, EU SOU, vv. 5.6.7).

6.7 No discurso sobre o pão da vida, o pão descido do céu, o pão vivo descido do céu

Em Jo 6,35, Jesus afirma: "ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς· ὁ ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ πεινάσῃ, καὶ ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ διψήσει πώποτε / EU SOU *o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede*", usando um "aoristo subjuntivo enfátivo", "οὐ μὴ πεινάσῃ / *nunca mais terá fome"* (BALZ; SCHNEIDER, 2004, p. 426), e a expressão "ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς / *o pão da vida"*, indicando "sentido literal e sentido cristológico", próprio de João (BROWN, 2012, p. 473-475; PERKINS, 2018, p. 769-770; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 92-94); em Jo 6,48: "ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς / EU SOU *o pão da vida*"; em Jo 6,51: "ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ ζῶν ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβάς / EU SOU *o pão vivo descido do céu*"; em Jo 6,41: "ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ καταβὰς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ / EU SOU *o pão descido do céu*"; no discurso em Cafarnaum, Jo 6,24: "ὅτε οὖν εἶδεν ὁ ὄχλος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἔστιν ἐκεῖ οὐδὲ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, ἐνέβησαν αὐτοὶ εἰς τὰ πλοιάρια καὶ ἦλθον εἰς Καφαρναοὺμ ζητοῦντες τὸν Ἰησοῦν / *quando a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, subiu aos barcos e veio para Cafarnaum, à procura de Jesus*", logo depois da caminhada sobre o mar (Jo 6,16-21): "ἐληλακότες οὖν ὡς σταδίους εἴκοσι πέντε ἢ τριάκοντα θεωροῦσιν τὸν Ἰησοῦν περιπατοῦντα ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐγγὺς τοῦ πλοίου γινόμενον, καὶ ἐφοβήθησαν / *tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar e tiveram medo*" (v.19). Em Jo 6,35, depois da multiplicação dos pães (vv. 1-13), na sinagoga de Cafarnaum, Jesus diz ser o Pão da Vida (EU SOU)

6.8 Na afirmação sobre a luz do mundo

Em Jo 8,12 encontramos a mesma fórmula: "ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσῃ ἐν τῇ σκοτίᾳ, ἀλλ᾽ ἕξει τὸ φῶς τῆς ζωῆς / EU SOU *a luz do mundo. Quem me segue nunca andará nas trevas, mas terá a luz da vida*", com um "aoristo subjuntivo enfático" (οὐ μὴ περιπατήσῃ / *nunca andará*") (BROWN, 2012, p. 476; PERKINS, 2018, p. 776; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 126-129), logo depois do episódio sobre a mulher adúltera (Jo 7,53–8,11): ἄγουσιν δὲ οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι γυναῖκα ἐπὶ μοιχείᾳ κατειλημμένην καὶ στήσαντες αὐ"τὴν ἐν μέσῳ λέγουσιν αὐτῷ / *os escribas e os fariseus, então, trazem uma mulher surpreendida em adultério e colocando-a no meio dizem-lhe*" (Jo 8,3); e antes do discurso sobre Abraão (Jo 8,31-58): "εἶπεν αὐτοῖς Ἰησοῦς, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, πρὶν Ἀβραὰμ γενέσθαι ἐγὼ εἰμί, *Jesus lhes disse: 'em verdade, em verdade eu vos digo, antes que Abraão fosse [existisse]* EU SOU " (v. 58). Em Jo 8,12 Jesus afirma ser a luz do mundo (EU SOU).

6.9 Na afirmação sobre a porta das ovelhas

Em Jo 10,1-18, lê-se: "Εἶπεν οὖν πάλιν ὁ Ἰησοῦς, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι **ἐγώ εἰμι** ἡ θύρα τῶν προβάτων */disse-lhes, pois, de novo Jesus: em verdade, em verdade eu vos disso: '*EU SOU *a porta das ovelhas'*" (v.7), θύρα, no sentido de "porta, ingresso" (BALZ; SCHNEIDER, 2004, p. 1668), no discurso sobre o bom pastor, antecedido por Ἀμὴν ἀμὴν, com encontramos em 10,1, uma inclusão; novamente em 10,9, "ἐγώ εἰμι ἡ θύρα, EU SOU *a porta*" (BROWN, 2012, p. 477; PERKINS, 2018, p. 782; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 169-170), quem não entra pela porta, é ladrão e assaltante, retomando sempre 10,1: "Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ὁ μὴ εἰσερχόμενος διὰ τῆς θύρας εἰς τὴν αὐλὴν τῶν προβάτων ἀλλὰ ἀναβαίνων ἀλλαχόθεν ἐκεῖνος κλέπτης ἐστὶν καὶ λῃστής / *em verdade, em verdade, eu vos digo: 'quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante'*"', depois que Jesus encontra, novamente, o cego de nascença: "Ἤκουσεν Ἰησοῦς ὅτι ἐξέβαλον αὐτὸν ἔξω καὶ εὑρὼν αὐτὸν εἶπεν, Σὺ πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου / *Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado. Encontrando-o disse-lhe: "Tu crês no Filho do Homem?"* (9,35). Em Jo 10,7.9 Jesus diz ser a porta das ovelhas (EU SOU), se alguém entrar por essa porta, será salvo (v. 9).

6.10 Na parábola do bom pastor

A expressão aparece em em Jo 10,11: "ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός / EU SOU *o bom pastor*", ποιμὴν "no sentido literal e cristológico" (BALZ; SCHNEIDER, 2004, p. 1034), o que dá a vida pelas suas ovelhas: "ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς τὴν ψυχὴν αὐτοῦ τίθησιν ὑπὲρ τῶν προβάτων / *mas o que entra pela porta é pastor das ovelhas*" (v.2), iguamente uma inclusão (PERKINS, 2018, p. 782; BROWN, 2012, p. 477; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 170-171); em 10,14: "ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς / EU SOU *o bom pastor*", indica ele que conhece as suas ovelhas e as suas ovelhas lhe conhecem: "καὶ γινώσκω τὰ ἐμὰ καὶ γινώσκουσί με τὰ ἐμά / *e conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem*", depois da cura do cego de nascença, em Jo 9: "καὶ παράγων εἶδεν ἄνθρωπον τυφλὸν ἐκ γενετῆς / *enquanto passava viu um cego de nascença*", e antes da festa da dedicação: "ἐγένετο τότε τὰ ἐγκαίνια ἐν τοῖς Ἱεροσολύμοις, χειμὼν ἦν / *houve, então, em Jerusalém, a festa da Dedicação*, era inverno" (Jo 10,22-39; v.22). Em Jo 10,11 Jesus afirma ser o bom pastor (EU

SOU), em contraste com os maus pastores (cf. vv. 1.5.8.10.12, "ladrões, estranhos, assaltantes, mercenários").

6.11 Na afirmação sobre a ressurreição e a vida

A expressão ocorre em Jo 11,25, discurso sobre a ressurreição e a vida: "ἐγώ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωή ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ κἂν ἀποθάνῃ ζήσεται / EU SOU *a ressurreição e a vida, o que crê em mim, ainda que morra, viverá*", crer no sentido da fé, da morte e da vida: (BROWN, 2012, p. 478; PERKINS, 2018, p. 786; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 190-191). O contexto é o da ressurreição de Lázaro, antes da Páscoa e da ceia em Betânia: "Ὁ οὖν Ἰησοῦς πρὸ ἓξ ἡμερῶν τοῦ πάσχα ἦλθεν εἰς Βηθανίαν, ὅπου ἦν Λάζαρος, ὃν ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν Ἰησοῦς / *seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que Ele ressuscitara dos mortos*" (12,1), e depois que Jesus se retira para o outro lado do Jordão (10,40-42): "καὶ ἀπῆλθεν πάλιν πέραν τοῦ Ἰορδάνου εἰς τὸν τόπον ὅπου ἦν Ἰωάννης τὸ πρῶτον βαπτίζων καὶ ἔμεινεν ἐκεῖ / *partiu de novo para o outro lado do Jordão, para o lugar onde João tinha anteriormente batizado e permaneceu ali*" (v.40). Em Jo 11,25 Jesus diz à Marta, irmã de Lázaro, ser a ressurreição e a vida (EU SOU).

6.12 Na indicação de que é o caminho, a verdade e a vida

Em Jo 14,6, Jesus indica ser o único "caminho, verdade e vida" que conduz ao Pai: "ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι᾽ ἐμοῦ / EU SOU *o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai a não ser por mim*"; logo após o discurso da despedida e do *Filho do Homem*, de Jo 13,31-38: "Ὅτε οὖν ἐξῆλθεν, λέγει Ἰησοῦς, Νῦν ἐδοξάσθη ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου, καὶ ὁ θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ / *quando ele saiu, disse Jesus:'agora o Filho do Homem foi glorificado, e Deus foi glorificado Nele*'" (v.31) (BROWN, 2012, p. 481-482; PERKINS, 2018, p. 794; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 252-253), antes do discurso sobre a videira verdadeira: "ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινὴ καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν / EU SOU *a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor"* (15,1). Em Jo 14,6, depois do anúncio da negação de Pedro (cf. 13,38), Jesus afirma ser o caminho, a verdade e a vida (EU SOU).

6.13 Na afirmação sobre a videira verdadeira

A expressão aparece dentro do discurso da videira (Jo 15): "ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινὴ, καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν / EU SOU *a videira verdadeira*, *e o meu Pai é o agricultor*" (v.1); Também ocorre no v.5: "ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος, ὑμεῖς τὰ κλήματα / EU SOU *a videira, vós os ramos*", no sentido dos frutos: ὁ μένων ἐν ἐμοὶ κἀγὼ ἐν αὐτῷ οὗτος φέρει καρπὸν πολύν, ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν / *aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer*" (BROWN, 2012, p. 483; PERKINS, 2018, p. 797-798; BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 271-273). Depois da revelação feita a Judas, o Tadeu, não o Iscariotes, em 14,22: "Ἐάν τις ἀγαπᾷ με τὸν λόγον μου τηρήσει / *se alguém me ama, guardará minha palavra*", e antes do discurso de Jo 16,4-15, sobre a vinda do Paráclito: "ἀλλ᾽ ἐγὼ τὴν ἀλήθειαν λέγω ὑμῖν, συμφέρει ὑμῖν ἵνα ἐγὼ ἀπέλθω. ἐὰν γὰρ μὴ ἀπέλθω, ὁ παράκλητος οὐκ ἐλεύσεται πρὸς ὑμᾶς· ἐὰν δὲ πορευθῶ, πέμψω αὐτὸν πρὸς ὑμᾶς / *no entanto eu vos digo a verdade, é melhor que eu parta. Se eu não partir, o Paráclito não virá a vós; mas se eu for, enviá-lo-ei a vós*" (v.7).

Em Jo 15,1.5 Jesus diz aos discípulos ser a "videira verdadeira", a "videira" (EU SOU). No evangelho de João, portanto, Jesus se revela como o EU SOU: Ele é o Deus de Ex 3,14 que age na história do seu povo (essência e existência).

7 O texto de Ex 3,14 enquanto revelação do nome de Deus, saída do Egito, Lei, Aliança e Formação de um povo sacerdotal e santo

Ao lado da revelação do nome de Deus no Evangelho de João e da expressão EU SOU, o texto de Ex 3,14 deve ser lido, analisado, interpretado e atualizado a partir do seu contexto literário de origem, que chegou até nós, literal e histórico, a saída do Egito, contemplada pela "história" do povo judeu (da época em que foi escrito, exílio, pós-exílio), no contexto da revelação do *nome* de Deus, da Páscoa, da Lei, da Aliança e da formação de um povo sacerdotal e santo.

7.1 A saída do Egito

A saída do Egito em Ex 3,14 (SKA, 1997, p. 42-112) (primeira cena: diante do mar, Ex 14,1-14; segunda cena: no meio do mar, Ex 14,15-25) e em todo o livro do Êxodo comporta ao menos seis pontos principais, importantes e essenciais na análise do texto e do seu contexto: a revelação do nome de Deus (MACCHI, 2010, p. 226), a Páscoa, o tema da Lei, a Aliança, a formação de um povo sacerdotal e santo. Israel sai do Egito (Ex 13,17-22), chega ao mar dos juncos (Ex 14,1-4), os hebreus são perseguidos pelos egípcios (Ex 14,5-14), Deus intervém (Ex 14,15-28), Israel atravessa o mar (Ex 14,29-31; as "etapas no deserto" (Nm 11,1–14,45). O fundante é a revelação do nome de Deus (Ex 3,13-15.16-20, com as instruções para Moisés; Ex 6,2-13 (v.6.8): "*ʾᵃnî* YHWH EU SOU YHWH"; no v.7: "*ʾᵃnî* YHWH *ʾᵉlōhêkhem* / EU SOU YHWH *vosso Deus*". A saída do Egito como consequência dessa revelação, em função da Páscoa, dos temas da Lei e da Aliança que o Senhor faz com seu povo sacerdotal e santo ("*mamlekheth kōhᵃnîm* / *reino de sacerdotes"*; "*qādhôš* / *santo*"), depois da saída do Egito (Ex 19–24) (DURHAM, 1987, p. 256-348); Lei e Aliança; saída do Egito: Ex 13–14 (DURHAM, 1987, p. 174-198); Nm 9–36; a "ordem de partida" (Nm 10,11-28); a "partida" (Nm 10,33-36).

7.2 A revelação do nome de Deus

A revelação do *nome* de Deus presente em Ex 3,14 (DURHAM, 1987, p. 38-39): *'ehyeh ʾᵃšer 'ehyeh*, YHWH *o Senhor enviou-me a vós,* com ênfase no Deus dos Pais ("YHWH, *o Senhor Deus dos vosso pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó*", vv.15.16); YHWH esse é seu *nome* para sempre (v.15), esse é seu memorial de geração a geração (v.15), "YHWH, *o Senhor, o Deus dos hebreus*" (v.18), o Deus dos pais (vv.15.16, "*ᵃbhōthêkhem' / vossos pais*"; Ex 6,2-13 [vv.6-8] EU SOU YHWH, EU SOU YHWH *vosso Deus*).

7.3 A Páscoa (Ex 12; Lv 23,5-8; Nm 28,16-25; Dt 16,1-8)[2]

Importante para a compreensão do Antigo Israel e sua relação com o Novo Israel ("paz ao Israel de Deus"; Gl 6,16). Aparece no contexto do rito da Páscoa (Ex 12,13.23.27), da celebração cultual da noite da Páscoa, distinta dos sete dias da festa dos ázimos, Páscoa do Senhor (Ex 12,11; Lv 23,5; Nm 28,16), efetivada, praticada ("feita" *'āśāh* concretamente, Nm 9,2.4-6.13; Js 5,10; 2Rs 23,22; Esd 6,19; 2Cr 30,2; 35,16), a "festa" por excelência (*ḥagh*, Ex 34,25b; Ez 45,21), celebrada pela manhã (Js 5,11: *na manhã da Páscoa*; Nm 33,3). Termo associado ao animal sacrificado na celebração cultual (*šāḥaṭ*, "sacrificar", Ex 12,21; *wayyišḥ^{a}ṭû,* "e sacrificaram, imolaram", Esd 6,20; *zebhaḥ*, "sacrifício", Ex 12,27; *šāḥaṭ*, "sacrificar", 34,25; *zābhaḥ*, "matar, sacrificar", Dt 16,2.5; *šāḥaṭ*, "sacrificar", 2Cr 30,15; *šāḥaṭ*, "sacrificar", 35,1.6.11), às vítimas pascais (2Cr 30,17; 35,7) e ao ato de "comer" a Páscoa (*'ākhal*, "comer", 2Cr 30,18; a "data da Páscoa" em Nm 9,1-5). Como verbo aparece em Ex 12,13.23.27; 1Rs 18,21.26; 2Sm 4,4; Is 31,5, com diversos significados, a exemplo dos seguintes autores: Otto (2007, p. 233): "ultrapassar"; "superar"; "passar por cima"; "saltitar"; Costacurta (2009, p. 48): "saltar"; Ravasi (1988, p. 514), Andiñach (2010, p.153) e Clements (1972, p. 68): "ultrapassar"; "passar"; Sáiz (1995, p. 37), Füglister (1976, p. 189-193), Troyes (1988, p. 81.86.87) e Sonnet (2014, p. 37): "passar por", "ir em frente"; Sáiz (1995, p. 39), Brown; Driver; Briggs (1952, p. 820), Koehler; Baumgartner (1998, p. 769), Childs (1995, p. 179-180), Durham (1987, p. 151.160), Hyatt (1971,p. 134) e Noth (1966, p. 85): "passar por cima"; Sáiz (1995, p. 40) e Otto (2007, p. 237): "passar por cima para proteger"; Ravasi (1988, p. 52), Clements (1972, p. 72), Koehler; Baumgartner (1998, p. 769) e Otto (2007, p. 233): "resguardar, proteger" (cf. FEUILLET, 1975, p. 170; EFRAT, 2003, p. 27.95.101-102.154.191.269.272; HEINISCH, p. 226; VERMES, 1961, p. 213.215-217; VOLTAGGIO, 2010, p. 146-151; LE DEAUT, 1963, p. 200-201).

7.4 A Lei

Como "instrução", dom (Ex 19–24; 32–34; Dt 5; 9–10), código da Aliança (Ex 19–24; 21,2-11) (SKA, 2003, p. 56), código deuteronômico (Dt 22,1-4), no contexto da teofania (Ex 19–20), Decálogo (20,1-21; decálogo cultual: 34,11-26) (SKA, 2003, p. 66), mandamento do sábado (20,8-11; Dt 5,12-15), "livro" da Aliança (Ex 24,3-8), no contexto da renovação da Aliança (Ex 34), na presença dos setenta anciãos de Israel (24,9-11), na presença de Deus (34,5-7), tradições religiosas (Lv 1,1–3,17), morais (contra o pecado: 4,1-12; 5,1-26; o puro e o impuro: 11,1–16,34), comunitárias (4,1-35), sacerdotais (8,1–10,20), Código da Aliança (Ex 20,22–23,33; 34,14-26; Dt 4,6, 5,22; 2Rs 22–23; Is 2,1-4; Mq 4,1-3), "Sabedoria" (Dt 4,6.8; Br 4,1-4), "rolo" encontrado no Templo (2Rs 22,1–23,3), Lei da santidade (Lv 17,1–26,46; 25,39-55; Ex 21,2-11; Dt 15,12-18), Lei *Tôrâ* (Lv 19,17-18; Ex 23,4-5; Dt 22,1-4) (SKA, 2003, p. 55-67)

[2] Sobre estes textos bíblicos, sugerimos ler os comentários: Ex 12, DURHAM, 1987, p. 150-174 ; Lv 23,5-8, HARTLEY, 1992, p. 283-384; Nm 28,16-25, BUDD, 1984, p. 316; Dt 16,1-8, CHRISTENSEN, 2018, p. 332-336.

e Lei / *Tôrâ* no Pentateuco, enquanto direito escrito no antigo Israel (CRÜSEMANN, 2008, p. 32-43). Além disso, Lei como direito capital (Gn 9,2-7: a questão do sangue), pacto (Gn 9: com a humanidade) e circuncisão (Gn 17: com Abraão), endogamia (Gn 27,46–28,9), Lei e Páscoa (Ex 12,1-20.28.40-42), a questão do sábado (Gn 2,2-3; Ex 16).

7.5 A Aliança

Enquanto revelação do Sinai (Ex 24,3-8: leis e obrigações do povo), propriamente no Sinai (19,1–40,30; 34,10-28), no contexto do decálogo (19,1–20,21), anúncio e promessa (19,3-8; preparação: vv.9-15; no contexto teofânico: vv.16-25), Aliança de Deus com Israel (19,4-8), início e fim da fundação da Aliança (19,8; 24,3.7), em forma de código (20,22–23,33; conclusão da Aliança em 24,1-18), no contexto das prescrições sobre a construção do santuário (25,1–31,18), renovação da Aliança (32,1–34,35; ruptura e restabelecimento; 34,10-28), no contexto do restabelecimento e construção do santuário (34,1-10; 35,1–40,38; Dt 5,2-3; 7,9.12; 29,14; Jr 31,31-34), *b^{e}rîth* como imposição ou obrigação (WEINFELD, 2000, p. 1595). Aliança como pacto (Jz 2,20; Sl 111,9), Lei e preceito (Dt 4,13; 33,9; Is 24,5; Sl 50,16; 103,18), promessa do Senhor de proteger o servo (Dt 7,1-2), obrigação e juramento (Gn 21,22-23.26; Dt 29,9-11; Js 9,15-20; 2Rs 11,4; Ez 16,8; 17,13-15) (WEINFELD, 2000, p. 1595-1596).

7.6 A formação de um povo sacerdotal e santo

Deus liberta seu povo do Egito para formá-lo e educá-lo como povo sacerdotal e santo a partir da Lei e da Aliança (Ex 19,5-6: minha propriedade (LIPINSKI, 2006, p. 68-73), especial "*s^{e}ghullāh* / *tesouro*", "*mamlekheth kōh^{a}nîm / reino de sacerdotes*" (DURHAM, 1987, p. 263), "*w^{e}ghôy qādhôš* / *nação santa*"; Dt 10,14-15; 26,18; Sl 135,4; Ml 3,17), povo santo (Dt 7,6; 14,2.21; 26,18-19; 28,9; Lv 11,44-45; 19,2; Is 62,12), consagrado ao serviço de Deus (Ex 3,12: para servir a Deus). O povo de Israel é um "*s^{e}ghullāh* / *tesouro*" do Senhor (Ex 19,5; Ml 3,17; Sl 135,4), *'am qādhôš* (Dt 7,6; 14,2; 26,18) (LIPINSKI, 2006, p. 70). O sacerdócio em Israel é mais uma profissão que uma vocação (DOMMERSHAUSEN, 2004, p. 243). O povo é santo porque pertence ao Senhor, é sua propriedade, *povo precioso entre todos os povos* (Dt 7,6; 14,2; 26,18), *herdeiro de Deus* (4,20; 9,29; 1Rs 8,51; 2Cr 6,27) (LIPINSKI, 2006, p. 823). Povo santo, separado (RINGGREN, 2007, p. 838.), consagrado ao Senhor, escolhido, que deve fugir da idolatria (Ex 19,6; 7,6) (RINGGREN, 2007, p. 847). O povo é santo porque vive na presença do Senhor. Sem a revelação do nome de Deus (aspecto fundante), a celebração da festa da Páscoa, a doação da Lei (enquanto dom), a Aliança entre Deus e seu povo e a formação de um povo santo e sacerdotal não se pode falar de uma vera e própria saída do Egito.

8 Considerações finais

Os estudos preliminares sobre o nome divino YHWH, a raiz *hāyāh* e seu significado histórico nas raízes semíticas ajudam a compreender e apreender melhor todo

o seu significado e alcance(s) teológico(s) possível(eis) no livro do Êxodo e mais especificamente em Ex 3,14 (e textos afins), objeto deste artigo.

O estudo da tipologia do nome divino YHWH, da revelação desse *nome*, da teologia do nome YHWH no AT, da importância do *Nome* no Antigo Oriente, da saída do Egito (como consequência da revelação do *Nome*) remetem ao nome do Deus dos Pais da tradição judaico-cristã, os Patriarcas, como se encontra em muitas menções ao longo dos dois Testamentos: AT e NT.

A revelação do *nome* no Evangelho de João, os temas da Páscoa, da Lei, da Aliança, da formação de um povo sacerdotal e santo, o nome de Deus em Ex 3,12.14, as expressões *b^{e}šēm* YHWH ("em nome do Senhor") e *qārā' b^{e}šēm* YHWH ("invocar o nome do Senhor") revelam a importância desse Nome, tanto que séculos após os escritos do AT, o autor joanino usou de forma abundante a mesma expressão, na boca de Cristo ou do narrador, ainda que a partir da versão grega da LXX.

A análise da revelação do nome divino em Ex 3,14 contribui grandemente para o estudo aprofundado dos textos bíblicos e de toda a Teologia presente tanto no AT como no NT, para melhor ajudar em sua compreensão e atualização do sentido. Sem essa compreensão e esse estudo é difícil obter um aprofundamento crítico da hermenêutica do nome divino em Ex 3,14.

O reconhecimento do nome de Deus (Ex 3,14 [TM]: "*'ehyeh 'ašr 'ehyeh* / [LXX] "ἐγώ εἰμι ὁ ὤν / EU SOU *aquele que é*, *que sou"*) e sua aplicação na pessoa do Filho, no Evangelho de João ("ἐγώ εἰμι / EU SOU*"*: Jo 4,26; 6,20.35.41.48.51; 8,12.24.28.58; 10,7.9.11.14; 11,12; 13,19; 14,6; 15,1.5; 18,6) é importante não apenas academicamente, mas igualmente no processo formativo da vida cristã e de preparação de agentes de pastoral. Entender o valor do *Nome* de Deus, sobretudo a partir do *Tetragrama Sagrado* (YHWH), implica no respeito inclusive aos Dez Mandamentos – "*Não pronunciarás em vão o nome do* YHWH *teu Deus*" (Ex 20,7; Dt 5,11) –, como o temos na tradição judaico-cristã, no Catecismo da Igreja Católica e é ensinado na Catequese de Iniciação à Vida Cristã.

Referências

ALETTI, Jean-Noël; GILBERT, Maurice; SKA, Jean-Louis; VULPILLIÉRES, Sylvie de. *Vocabulário ponderado da exegese bíblica.* São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ANDIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo.* Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard M. ἄρτος, In: SOFFRITTI, Omero (Ed.). *Dizionario Esegetico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 2004. p. 423-426.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard M. ποιμὴν, In: SOFFRITTI, Omero (Ed.). *Dizionario Esegetico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 2004. p. 1033-1036.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard M. τύπος, In: SOFFRITTI, Omero (Ed.). *Dizionario Esegetico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 2004. p. 1665-1675.

BEASLEY-MURRAY, George Raymond. *John.* Waco: Thomas Nelson Inc, 1999.

BÍBLIA TEB. *Tradução Ecumênica da Bíblia.* São Paulo: Loyola, 2020.

BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento.* História, Literatura e Teologia. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. (Eds.). *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament.* Oxford: BDB, 1952.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 2012.

BUDD, Philip J., *Numbers.* Waco: Thomas Nelson Inc, 1984.

CHILDS, Brevard S. *Biblical Theology of the Old and New Testaments.* Theological Reflection on the Christian Bible. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1993.

CHILDS, Brevard S. *Teologia dell'Antico Testamento in un contesto canonico.* Torino: Queriniana, 1989.

CHILDS, Brevard S. *Il libro dell'Esodo.* Commentario critic-teologico. Casale Monferrato: Piemme, 1995.

CLEMENTS, Ronald E. *Exodus.* Houston: Cambridge University Press, 1972.

CLIFFORD, Richard J, Exodus. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 1990. p. 129-159.

CLIFFORD, Richard J.; MURPHY, Roland E., Genesis. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus, 1990. p. 60-127.

CHRISTENSEN, Duane L. *Deuteronomy 1,1–21,9*. Waco: Thomas Nelson Inc, 2018.

COSTACURTA, Bruna. *Il fuoco e l'acqua.* Riflessioni bibliche sul profeta Elia. Torino: San Paolo Edizioni, 2009.

CRÜSEMANN, Frank. *La Torà.* Brescia: Paideia, 2008.

DE VAUX, Roland. *Instituciones del Antiguo Testamento.* Barcelona: Herder, 1992.

DEVRIES, Simon J. *1 Kings*. Waco: Thomas Nelson Inc, 1985.

DOHMEN, Christoph. מִזְבֵּחַ. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2004. v. 4, p. 1072-1088.

DOMMERSHAUSEN, Werner. כֹּהֵן. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2004. v. 4, p. 230-249.

DURHAM, John I. *Exodus*. Waco: Thomas Nelson Inc, 1987.

EFRAT, Simon Bar. *El arte de la narrativa nella Biblia,* Madrid: Cristiandad, 2003.

EICHRODT, Walther. *Teologia del Antiguo Testamento.* Madrid: Cristiandad, 1975.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wihelm (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia.* 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FABRY, Heinz-Josef, שֵׁם. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2009, p. 517-519.

FEUILLET, André. *Etudes d'exégèse et de théologie biblique*. Ancien testament, Paris: Gabalda, 1975.

FREEDMAN, David Noel; O'CONNOR, P. יהוה. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2003. v. 3, p. 635-638.

FÜGLISTER, Notker. *Il valore salvifico dela pasqua*. Brescia: Paideia, 1976.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento.* São Paulo: Loyola, 2005.

HARTLEY, John E. *Leviticus.* Waco: Thomas Nelson Inc, 1992.

HEINISCH, Paul. *Theology of the Old Testament.* Collegeville: The Liturgical Press, 1955.

HORSLEY, G. H. R., Names, Double. *In:* FREEDMAN, David Noel *et al.* (Eds.), *The Anchor Bible Dictionary*. New York; London, 1992. v. 4, p. 1011-1017.

HYATT, James Philip. *Commentary on Exodus.* London: Eerdmans; Wm B Pub Co, 1971.

IMSCHOOT, Paul van. *Théologie de l'Ancien Testament,* Tournai: Desclée & Co, 1954.

JACOB, Edmond. *Teologia del Antiguo Testamento.* Madrid: Madrid Marova, 1969.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. פָּסַח. *In:* KOEHLER, Ludwig. *A Bilingual Dictionary of the Hebrew and Aramaic Old Testament*. Leiden; Boston; Köln: Brill Academic Publishers, 1998. p. 769.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. שָׁם. KOEHLER, Ludwig. *A Bilingual Dictionary of the Hebrew and Aramaic Old Testament*. Leiden; Boston; Köln: Brill Academic Publishers, 1998, p. 984.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo São João:* amor e fidelidade. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

LE DEAUT, Roger. *La nuit pascale*. Essai sur la signification de la Pâque juive à partir du Targum d'Exode XII 42. Rome: Pontificio Istituto Biblico, 1963.

LIPINSKI, Edward. סְגֻלָּה. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2006. v. 4, p. 68-73.

LIPINSKI, E Edward. הָעָם. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2006. v. 4, p. 806-824.

LURKER, Mandred. *Diccionario de imagenes y simbolos de la Biblia.* Madrid: Herder, 1994.

NOTH, Martin. *Exodus*. A Commentary. London: Westminster Press, 1966.

MACCHI, Jean-Daniel. Êxodo. RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christopher (Eds.). *In: Antigo Testamento.* História, escritura e teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 215-230.

MARANGON, Antonio. Dio. *In:* ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GUIRLANDA, Antonio (Eds.). *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica.* Torino: San Paolo, 1988. p. 397-415.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de João*. Análise linguística e comentário exegético, São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

NESTLE, Eberhard.; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI Carlo M.; METZER, Bruce M. *Novum testamentum graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 2012.

OTTO, E., פָּסַח. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2004. v. 7, p. 227-255.

PERKINS, Pheme. Evangelho Segundo João *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e artigos sistemáticos. Evangelho segundo João. Comentário. São Paulo: Paulus, 2018, p. 731-816.

VON RAD, Gerhard. *Théologie de l'Ancien Testament.* Théologie des traditions historiques d'Israël, I, Nouvelle série théologique 12. Genève: Labor et Fides, 1962.

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert (Eds.). *Septuaginta.* Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

RAVASI, Gianfranco. *Esodo.* Brescia: Ed. Queriniana, 1987.

RAVASI, Gianfranco. Il libro dell'esodo. *In:* ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GUIRLANDA, Antonio (Eds.). *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica.* Torino: San Paolo, 1988, p. 507-518.

REITERER, Friedrich. שֵׁם. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2009. v. 9, p. 454-517.

RINGGREN, Helmer. קָדוֹשׁ. *In:* BORBONE, Pier Giorgio (Ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2007. v. 7, p. 835-862.

ROSE, Martin. Names of God in the OT. *In:* FREEDMAN, David Noel *et al* (Eds.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York; London, 1992. v. 4, p. 1001-1011.

SÁIZ, Teresa Martínez. *Mekilta de Rabbí Ismael.* Comentario rabínico al libro del éxodo, Estella (Navarra): Verbo Divino, 1995.

SKA, Jean-Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco.* São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SKA, Jean-Louis. *Le passage de la mer.* Étude de la construction, du style et de la symbolique d'Ex 14,1-31. Roma: Biblical Institute Press, 1997.

SKA, Jean-Louis. Popolo sacerdotale e popolo dell'Alleanza nell'Antico e Nuovo Testamento. *In:* LIBERTI, Vittorio (Ed.). *I laici nel popolo di Dio.* Esegesi biblica. Roma: Edizioni Dehoniane, 1990. p. 17-38.

SONNET, Jean-Pierre. *Generare è narrare*. Milano: Vita e Pensiero, 2014.

TROYES, Rashi di. *Commento all'Esodo*, Ascolta, Israele, Commenti alle Scritture delle tradizioni ebraica e cristiana. Genova: Marietti, 1988.

VERMES, Geza. *Scripture and Tradition in Judaism.* Leiden: E. J. Brill, 1961.

VOLTAGGIO, Francesco Giosuè. *La oración de los padres y las madres de Israel*. Investigación en el Targum del Pentateuco. Estella: Editorial Verbo Divino, 2010.

WEINFELD, Moshe. בְּרִית. *In:* CATASTINI, Alessandro; CONTINI, Riccardo (Eds.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento.* Brescia: Paideia, 2000. v. 1, p. 1589-1644.

ZERWICK, Max; GROSVENOR, Mary. *A Gramatical Analysis of the Greek New Testament.* Roma: Gregorian University Press, 1993.

ZUMSTEIN, Jean. O Evangelho Segundo João. MARGUERAT, Daniel (Ed.). *Novo Testamento.* História, escritura e teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 437-470.